

# **O PIBID DO CAC/UFG NA TRILHA DAS PEDAGOGIAS CRÍTICAS: EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL**

**Cristiana Oliveira**  
**UFG/CAC- [criskatalao@hotmail.com](mailto:criskatalao@hotmail.com)**  
**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia Cristina Peixoto FERREIRA- UFG/CAC**  
**[andreia.peixoto.ferreira@gmail.com](mailto:andreia.peixoto.ferreira@gmail.com)**

**Palavras-chave:** Formação de Professores; PIBID; Diversidade Cultural na escola; Pedagogias Críticas em Educação Física.

## **1- Introdução**

O presente trabalho refere-se à sistematização da experiência formativa e metodológica desenvolvida desde abril de 2010, no interior do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) da área de Educação Física do Campus Catalão. Focamos o percurso realizado em 2011, com o eixo temático Diversidade Cultural e Sexual nas Pedagogias Críticas em Educação e Educação Física

Nesta perspectiva, delineamos em 2011 um percurso de estudos/pesquisas com o tema “Diversidade Cultural na escola”; como fonte e eixo para elaboração de metodologias de ensino dos conteúdos temáticos da cultura corporal (Jogos, Dança, Ginástica geral, Lutas e Esportes). A abordagem dessa temática relaciona-se a uma necessidade conceitual e procedimental de formação cultural e intervenção pedagógica frente aos estados de preconceito, discriminação e violência que incidem na escola, em especial nas aulas de Educação Física. Ressaltamos ainda, que as metodologias de ensino que tratam desse eixo temático são uma demanda colocada pela gestão do PIBID/CAPES/MEC.

## **2. O TRAJETO CONCEITUAL E PROCEDIMENTAL COM A TEMÁTICA DIVERSIDADE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA EM 2011.**

O trajeto formativo com a temática Diversidade cultural na Escola se deu com a indicação de filmes, como: “Assunto de Meninas” (Lea Pool), “A Onda” (Dennis Gansel), “A Má Educação” (Pedro Almodóvar), Tiros em Columbine (Michael Moore), “Escritores da Liberdade” (Richard Lagravenese) e “Entre os Muros da Escola” (Laurent Canet); e de textos do Curso de extensão “Gênero e Diversidade na Escola” da SECAD/MEC.

Tais indicações, bem como, as experiências como professores/as em formação no PIBID e como alunos/as do curso de licenciatura em Educação Física, foram fontes para elaboração de um roteiro com as seguintes questões relativas ao diagnóstico da violência e diversidade na escola: 1) Como a diversidade cultural vem sendo tratada no ambiente escolar? 2) Como vem se dando as manifestações de preconceito e discriminação no ambiente escolar? 3) Quais os espaços da escola com maior incidência de situações de estranhamento e violência? 4) Como a entrada na escola, os corredores das salas, a inserção nas disciplinas/matérias curriculares, o recreio/intervalos se relacionam com a diversidade e com as práticas de estereótipo, preconceito, discriminação e/ou violência? Que forma de tratamento a gestão da escola tem propiciado às questões relativas à diversidade e ao preconceito? 5) Como os/as professores/as vem se posicionado frente às situações de preconceito e violência? 6) Como percebem a relação entre os/as alunos/as, em especial, no que se refere à conformação de grupos e a exclusão/estranhamento do outro/diferente? 7) Qual a relação da padronização e mercadorização (Indústria) cultural com a conformação de estereótipos e preconceitos no ambiente escolar?

A partir destas questões e fundamentados/as nos filmes e leituras indicadas, cada aluno/a bolsista produziu um texto referente ao diagnóstico da “Diversidade e Violência na Escola”, tendo como foco a experiência da intervenção na escola campo. Neste momento, destacamos passagens elaboradas e discutidas pelo coletivo do PIBID, as quais se encontram sistematizadas nas experiências individuais de produção escrita da conceituação e diagnóstico acerca da temática.

Neste sentido, ressaltamos que num país plural e rico em diversidade cultural (etnia, gênero, sexualidades, crenças, entre outros deslocamentos) como o Brasil, é preocupante que na escola discussões sobre diversidade sejam feitas de forma tão elementar. Muitas vezes, senão sempre, as menções feitas à diversidade na escola restringem simplesmente a datas comemorativas de povos indígenas e/ou negros. Entendendo deste modo, acreditamos que na escola o que acontece e vem acontecendo ao longo dos anos é a homogeneização da cultura que acaba ignorando, por sua vez, a diversidade tão presente no ambiente escolar. Isto se deve ao fato de que os professores não foram formados (ou não tiveram preparação) para trabalhar/lidar com a diversidade cultural. Logo, se os professores não tiveram formação para trabalhar com a diversidade na escola, como tratar uma temática tão antiga e ao mesmo tempo tão atual num dos principais ambientes de formação de indivíduos?

Entretanto, apesar desta homogeneização da cultura, podemos observar que

alguns/algumas professores/as têm percebido a importância de se trabalhar com esta temática, e em função disso, têm procurado estudar e investir na formação continuada, estudando e pesquisando a respeito da diversidade e violência na escola. Uma vez que todos nós somos diferentes e nos apropriamos de uma cultura.

A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo a um fenômeno individual. E como já vimos, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, atribui significados diferentes a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. A cultura, portanto, vai além de um sistema de costumes; é objeto de intervenção humana, que faz da vida uma obra de arte, inventável, legível, avaliável, interpretável (SECAD/MEC, 2008, p.4).

Sendo assim, torna-se bastante pertinente o estudo e o trato da diversidade cultural no âmbito escolar, para que cada indivíduo possa estabelecer sua própria construção de identidade. Durante nossa intervenção pedagógica na escola campo do PIBID, percebemos as diferentes formas em que os alunos constroem seus percursos de vidas e os apresentam no meio escolar. Ao mesmo tempo, foi possível perceber o modo como a escola considera essas construções subjetivas e as trata e/ou enquadra em seu padrão normatizado de construção social.

Entendemos que esta problemática imanente às escolas brasileiras não se difere do contexto tratado no filme “Assunto de Meninas” de Lea Pool. Nele há um relacionamento amoroso/afetivo vivido por duas meninas numa escola interna e que ao ser descoberto, são submetidas às diversas rotulações/taxações/discriminações, entre outras violências. Nesta situação as personagens são caracterizadas como o “excêntrico”, o “diferente”, o “anormal”. Nesta circunstância, percebe-se que as educadoras encontram-se despreparadas para mediar tal situação, que muitas vezes, se não tratada de forma pedagógica pode tomar caminhos trágicos.

Como podemos verificar, o ambiente escolar deveria ser um espaço formativo, ético e digno, entretanto, em muitos casos vem se tornando um lugar de constrangimento, exclusão, violência e sofrimento. Deparamo-nos diariamente, tanto fora quanto dentro da escola, com grupos de alunos que provocam brigas com outros grupos por motivos simples ou por apenas quererem “chamar atenção”.

Os momentos em que mais vivenciamos esta violência são na entrada/saída, nos intervalos, nos corredores e nas aulas, pois o corpo está ali na sua inteireza, condutas, posturas e marcas expostas a qualquer crítica, a reproduzir e sofrer violência verbal, por exemplo, o *bullying* (esse termo na moda e contemporâneo, há muito assombra a escola moderna) está presente em todos os espaços do ambiente escolar, em especial, nas aulas de disciplinas como a Educação Física. É sempre um criticando a diferença do

outro, a característica predominante e visível no outro, enquanto a sua própria diferença está também exposta reproduzindo modelos de competição e gerando processos de exclusão e preconceitos.

Esta reflexão se relaciona com o filme “Escritores da Liberdade” (Richard Lagravenese), que relata a história de uma turma de estudantes que sofriam exclusão pela raça e classe social. Onde a professora através de leituras, músicas e histórias buscava mostrar a eles o valor de cada um inserido no ambiente social e escolar, dando então a oportunidade de afastá-los do meio da exclusão, violência e preconceito.

Não desconsiderando algumas experiências pontuais, avaliamos que a diversidade na escola ainda tem sido tratada com muita indiferença, o que mais vemos é a diversidade com suas dimensões sendo ignorada em todos os aspectos, tempo e espaço. O preconceito é explícito quanto à etnia, sexualidade, classe social, religião e permeiam o convívio diário da escola, reproduzindo o caos das relações humanas.

Reforçamos que a escola não tem propiciado espaços de discussões e reflexões sobre a diversidade. O currículo das escolas públicas, principalmente, ainda não está adequado ao multiculturalismo, portanto o papel do professor diante da diversidade dentro da escola, mesmo nesta condição, é abordar e enfatizar o respeito, os conceitos de cultura, o reconhecimento da diversidade, a relação de interdependência do ser humano e natureza, também esclarecer a relação de domínio e manipulação das instituições corruptas que agregam regras absurdas e pitorescas que só disseminam e consolidam préconceitos e afastam o ser humano da natureza/cultura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que nas escolas é muito comum, crianças e adolescentes serem discriminados por terem sua opção sexual, sua cor, sua religião, seus hábitos, suas características físicas diferentes das ditas “normais” pela sociedade. E são fatores como esses que prejudicam a formação humana nestes ambientes. As escolas dizem trabalhar constantemente contra estes preconceitos estabelecidos pela sociedade, porém em alguns casos o que se vê é diferente. Os conflitos acontecem o tempo todo tanto na relação aluno-aluno, quanto na relação aluno-professor. Assim, vários motivos podem fazer com que alunos/as e mesmo professores/as deixem de participar do convívio escolar, gerando um estado de exclusão e barbárie social e cultural.

Contudo, entendemos que a violência e a discriminação poderiam ser tratadas utilizando estratégias metodológicas como uso de filmes, diálogos, pesquisas, palestras além do incentivo ao respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMODÓVAR, Pedro. **A Má Educação**. Espanha, 2004.
- CANET, LAURENT. **Entre os Muros da Escola**. Imovision. França, 2009.
- GANSEL, Dennis. **A Onda**. Paramount Pictures. Estados Unidos, 2008.
- LAGRAVENESE, Richard. **Escritores da Liberdade**. Paramount Pictures. Estados Unidos, 2007.
- LIBÃNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação**. In: LIBÃNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Orgs.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. Campinas: Alínea, 2005. p. 19-63.
- MOORE, Michael. **Tiros em Columbine**. Alpha Filmes. Estados Unidos, 2002.
- POOL, Léa. **Assunto de Meninas**. Warner Home Vídeo. Canadá, 2001.
- SECAD/MEC. **Curso Gênero e Sexualidade na Escola**. Extensão, CD-rom, 2008.
- SOARES, ET AL. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOUZA JUNIOR, M.; SANTIAGO, M. E. **A Constituição dos Saberes Escolares na Educação Básica: confrontando a educação física com outras disciplinas Curriculares**. Anais do XV Conbrace, Pernambuco. 2007. (Cd-rom)
- UFG/PROGRAD, EDITAL PROGRAD/PIBID N. 02/2010 – ANEXO 1